

# DECERTO

Da estrela onde fiz o pouso  
Vi a terra toda cavoucada  
Em todos os seus sentidos perdidos.  
Vi a semente aflita  
Como um filho faminto em seu leito.  
- Aditem-se contra os posseiros  
Essas calamidades que me doem os olhos.-  
Que nas suas investidas,  
Nas veredas que dão disante,  
Adiantam-se sem saídas.  
Alternam suas porteiras,  
Empunham suas foices  
Num dizimar sem limites.

Vão-se urubus,  
Acabou tudo, a terra estica  
A morte que prenunciada,  
Hoje é notícia.  
Mexeram na terra de Deus,  
Mexeram com os calos seus.

Melancias cairão do céu,  
Suas rameiras cobrirão a visão  
Do Paraíso.  
Tirem os chapéus, não tem mais sol,

Nem virão mais chuvas.  
Tudo se esvaziou como carcaça de boi morrido.  
Como um distúrbio  
Da mente, um pesadelo da gente,  
Acabou-se terra natal.  
Ninguém nasceu aqui,  
Nestes buracos sem fundo,  
E nestas intermináveis brechas,  
Fecha-se o sepulcro do mundo.

---

Naeno\*com reservas de domínio

Obra original disponível em:  
<http://www.overmundo.com.br/banco/decerto>